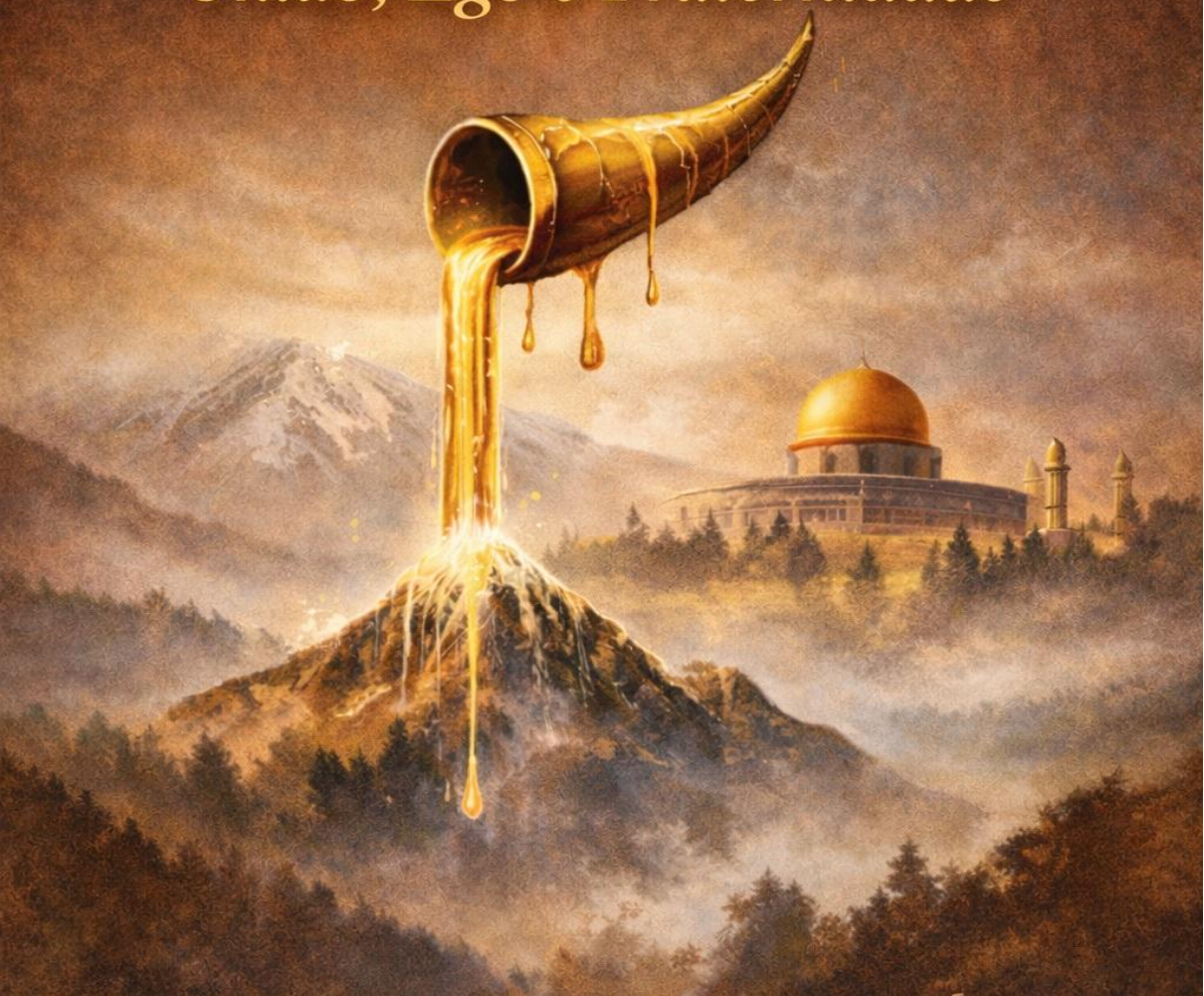


SALMO 133 NA MAÇONARIA

União, Ego e Fraternidade



PAULO CESAR T. RIBEIRO





**SALMO 133 NA
MAÇONARIA:
UNIÃO, EGO E
FRATERNIDADE**

***UMA LEITURA PSICOLÓGICA E
SIMBÓLICA PARA O MUNDO
CONTEMPORÂNEO***

PAULO CESAR T. RIBEIRO



Prefácio

Cá entre nós,

Sempre que sou convidado para o prazeroso risco de prefaciar bons livros, costumo citar o substantivo que originou tal verbo: Prefácio, do latim *prae efatio* (pré dito), é um antelóquio contextualizando aquilo que virá a seguir. Então, minha missão aqui será antecipar algo divino que você certamente encontrará no maravilhoso e necessário **"Salmo 133 na Maçonaria - União, Ego e Fraternidade"**.

Para enaltecer as páginas vindouras, fez-se necessário conhecer amiúde o histórico do autor e sua obra. Mensurei a origem e seus reais objetivos, desde o embrião até a postura literária do meu Irmão Paulo Cesar T. Ribeiro; além de esmiuçar bastidores psicológicos, sorvendo estratégias de aproximação dos leitores àquilo que doravante as letras falarão aos nossos ouvidos.

Sou honrado em manter rica e fraterna amizade com o autor. Acompanho sua brilhante trajetória e os momentos exitosos da sua vida profissional, familiar e, sobretudo, na Maçonaria, entidade pela qual ele galgou com louvor todos os patamares possíveis. No bojo desta competência hierárquica, entregou maço e cinzel através de outros ótimos livros, tanto na esfera científica quanto na maçônica (são altamente recomendáveis, pois lapidam conexões unindo

cérebro, coração e alma das palavras). Em suma, Paulo Cesar é Mestre, na amplitude do substantivo tão complexo.

Por outro lado, "**Salmo 133...**" gera vasto somatório de reflexões numa só obra, algo inédito. Nela você estará diante de enfoques esclarecedores, analisando com a didática do autor o imenso universo derivado de um Salmo que oferece personalidade ímpar à base estrutural maçônica; afinal, todos os níveis da nossa Ordem Iniciática passam necessariamente pelo grau de Aprendiz e sua leitura ritualística abre reuniões, emana vibrações energéticas que imantam todo espaço ao redor, sendo protagonista entre obreiros reunidos em torno do Livro da Lei.

Ao longo das minhas assíduas cinco décadas na Maçonaria pude constatar que a essência do bom maçom está na sua percepção empírica e na sensibilidade de enxergar aquilo que não está tão explícito nos rituais. Ou seja, é preciso sair da zona de conforto para transformações diuturnas, desbastando com constância nossa pedra bruta no sentido de cumprir a sublime missão de tornar feliz a humanidade pelo aperfeiçoamento dos costumes. Daí imaginar que, após a leitura, será natural haver interpretações pessoais sobre o Salmo 133. Assim, como a omissão é um dos piores pecados, este livro tem a virtude de trazer o tema à reflexão e ao debate positivo, tornando-se uma obra prima imprescindível e até recomendável também para não-maçons.

Enfim... Leia ao seu modo todos os valiosos e elucidativos trechos; vá pelo índice, de forma contínua, aleatória, intermitente ou por ordem de interesse, mas antecipo e reitero: O livro foi redigido por um reconhecido profissional e laureado pesquisador na área da saúde mental; além da alta patente maçônica, cujo notório saber e enorme cabedal de conhecimento lhe confere o direito de abordar com propriedade um assunto de tamanho quilate.

Portanto, navegue pelos sábios ensinamentos tatuados nas próximas páginas. Logo após, me corrija se estiver errado: **"Salmo 133 na Maçonaria – União, Ego e Fraternidade"** é referência, baliza decisões e modifica vidas.

Boa leitura!

Samir N. Khoury

Administrador de Empresas, Biólogo e Psicólogo Clínico. Conselheiro do Grão Mestrado da G.:L.:E.:S.:P.:., Vice-Presidente da Associação Comercial de S. Paulo, Presidente Emérito da Academia Brasileira Rotária de Letras S. Paulo, Membro da Academia Maçônica de Letras, Ciências e Artes; do Colégio de Governadores do Rotary International, Vice Presidente do Conselho Superior da Fundação de Rotarianos de S. Paulo, do Conselho de Curadores da Fundação Cásper Líbero, entre dezenas de outras grandes Instituições.

Nota Introdutória

Antes de avançar pela jornada simbólica e psicológica que este livro propõe, é importante reencontrar o Salmo 133 em sua forma tradicional. É esse texto - breve como um sopro e profundo como uma montanha - que serve de eixo espiritual para todas as reflexões que se seguirão. Ele é simples ao olhar, maduro ao toque e inesgotável à contemplação.

Salmo 133

Cântico dos degraus de Davi

Oh! Quão bom e quão suave é que os irmãos vivam em união!

É como o óleo precioso sobre a cabeça, que desce sobre a barba, a barba de Aarão, e que desce à orla das suas vestes;

É como o orvalho do Hermon que desce sobre os montes de Sião; porque ali o Senhor ordenou a bênção e a vida para sempre.

Autenticidade e Estrutura Simbólica

Esta é a forma preservada pela tradição hebraica *massorética* e pelas traduções clássicas em português. É também a forma utilizada nos trabalhos maçônicos, onde o Salmo ressoa como um espelho ritual do ideal fraterno.

O título *Cântico dos Degraus* identifica o texto como parte dos *Shir HaMa'alot*, as Canções das Subidas - cânticos recitados por peregrinos que subiam a Jerusalém ou pelos levitas nos degraus do Templo.

A ascensão é o primeiro chamado espiritual: toda "união" exige elevação interior. E, na Maçonaria, essa ascensão se desenha na marcha do Aprendiz, no ritmo das viagens e na disciplina que transforma o homem profano em iniciado.

Sentido Psicológico e Iniciático das Imagens

As metáforas do Salmo são precisas e revelam estados da alma humana:

"Óleo": a maturidade que desce - Símbolo da consciência que permeia o ser e desce até a conduta. A Luz tornando-se caráter.

"Barba": o ego que cede - Antigo símbolo de autoridade. A maturidade só se realiza quando o ego permite que a unção passe por ele.

"Vestes": o campo das ações - A vida se revela no gesto. A consciência que não alcança as ações permanece estéril.

"Orvalho": o cuidado invisível - Quase imperceptível, mas essencial. É o clima emocional que sustenta o vínculo e nutre o encontro.

"Sião": o espaço interior da *"união"* - O lugar simbólico onde o humano se encontra com o sagrado. A *"união"* torna-se vida e continuidade.

Síntese Simbólica

"Óleo" é maturidade que desce.

"Barba" é ego que cede.

"Vestes" são ações que revelam quem somos.

"Orvalho" é o cuidado silencioso que nutre.

"Sião" é o espaço interior onde a *"união"* se torna possível.

Esta jornada só é possível porque a Maçonaria cria um espaço continente: um ambiente capaz de acolher tensões, refinar o ego e transformar a convivência em caminho iniciático.

Ao longo desta obra, o Salmo não será apenas comentado - será respirado. Ele se torna o mapa da travessia: do ego ao encontro, da fragmentação à unidade, da aspereza à suavidade.

Epígrafe

“A ‘união’ não nasce da ausência de diferenças, mas da coragem de habitá-las com consciência e ternura.”

Paulo C. T. Ribeiro

Prólogo

Há textos que atravessam séculos como se fossem parte da respiração humana. O Salmo 133 é um deles. Curto como um sussurro e profundo como uma montanha, ele sobreviveu não apenas porque é belo, mas porque diz algo essencial sobre o destino humano: nascemos para o encontro, mas não sabemos como habitá-lo.

O tempo, ao passar, faz escolhas. Há textos que se tornam monumentos, outros que se reduzem a vestígios, outros ainda em ruínas que visitamos por curiosidade histórica. O Salmo 133 não pertence a nenhuma dessas categorias. Ele é um rio subterrâneo que atravessa séculos silenciosamente, brotando vez ou outra em pequenas superfícies de água pura, mas cujo curso profundo não se revela a quem apenas recita palavras. Seu poder não está na letra, mas na atmosfera que cria, na forma como toca o espaço psicológico entre os seres, na vibração que produz quando é lido não como poesia religiosa, mas como um estado interior.

Em um século marcado pela cultura do espelho, onde a predominância do ego é confundida com força e o vínculo fraterno se tornou uma *commodity* emocional

descartável, o Salmo 133 ressurgiu não como uma citação antiga, mas como um antídoto existencial para a fragmentação contemporânea.

É por isso que ele sempre esteve presente no coração da Maçonaria, mesmo quando não se falava explicitamente dele. Incorporou-se ao rito sem anúncio, como se tivesse intuído que ali encontraria uma morada adequada: um espaço simbólico onde a fraternidade é menos um ideal e mais uma construção laboriosa do espírito.

O maçom que avança em silêncio pelo Templo talvez não perceba que, antes de atravessar qualquer grau, ele atravessa um estado de consciência. E este estado foi anunciado por Davi quando escreveu: *"Quão bom e quão suave é que os irmãos vivam em união"*. A frase parece simples demais para inaugurar um caminho iniciático, mas sua simplicidade esconde um paradoxo: a *"união"* é sempre uma obra difícil.

E mais: ela é *"suave"*. Mas essa suavidade não é fraqueza. Ela é a força que se expressa sem violência; a potência que se manifesta sem atrito.

A *"união"* é *"suave"* porque só pode surgir quando a aspereza do ego foi polida pelo ritual, quando o impulso natural de predominância foi substituído pela humildade da presença. Ela não se impõe; ela

acontece quando o espírito encontra disciplina interna suficiente para escutar, acolher e sustentar o vínculo.

O rito a evoca simbolicamente no encontro de olhares, na contenção da palavra, no gesto de respeito mútuo, na tentativa de suspender - ainda que por instantes - as turbulências do ego. Ao entrar no Templo, o irmão não se torna automaticamente unido a ninguém; ele se coloca diante de um estado que precisa aprender a habitar, e este estado é, em essência, o Salmo 133 respirando através dele.

O portal ritual do Salmo 133 não é uma porta física ou um limite explícito; é um movimento de consciência. A "*união*" que ele celebra não é espontânea, nem sentimental, nem ingênua. Ela é construída como se se erguesse uma ponte entre territórios que, por natureza, não se compreendem de imediato.

O ego humano raramente deseja a "*união*"; ele deseja predominância, reconhecimento, segurança. A fraternidade, enquanto experiência psíquica, é um chamado contra a gravidade natural da psique, e o rito torna visível essa luta interior. Por isso o azeite que escorre sobre a "*cabeça*" de Aarão é uma metáfora adequada: a "*união*" exige um movimento vertical que desce sobre nós, uma descida suave que penetra as zonas onde a alma resiste, onde preferiríamos permanecer isolados, protegidos, intactos. A "*união*"

ritual é um "óleo" que encontra fissuras e nelas repousa.

Entrar no Templo é, portanto, fazer o gesto de se deixar alcançar por essa descida. Não é raro que os irmãos, mesmo os mais antigos, experimentem uma espécie de apaziguamento interior ao adentrar o espaço sagrado. Este apaziguamento não é mera associação afetiva ou nostalgia fraternal: é o reconhecimento, ainda que inconsciente, de que colocamos o pé em um território que suspende a lógica ordinária do mundo.

As tensões da vida profana não desaparecem, mas se reorganizam diante de algo mais amplo. O Salmo 133 age como um campo sutil, um convite à diminuição do ruído interno para que a percepção da presença do outro possa emergir com mais nitidez. Em outras palavras, ele prepara o psiquismo para o encontro.

E é desse encontro que nasce a verdadeira ritualidade. Nada no rito é apenas decorativo. Os símbolos - o compasso, o esquadro, a pedra bruta, o malhete - não falam de objetos, mas de estados psíquicos. Cada um deles aponta para um processo de transformação em que a "união" é o horizonte, não o ponto de partida.

Um irmão não se torna fraterno porque conheceu outro irmão; ele se torna fraterno porque permitiu que

algo dentro dele fosse polido, reorientado, afinado. O Salmo não descreve uma "união" já conquistada: descreve uma "união" a ser continuamente reencenada. A cada reunião, a cada gesto, a cada silêncio compartilhado, o Templo se torna laboratório de um modo de ser que o mundo exterior raramente incentiva.

Talvez seja por isso que, para muitos maçons, a sensação de "voltar para casa" ao entrar no Templo não seja apenas emotiva, mas simbólica. A casa dos irmãos que o Salmo menciona não é um lugar: é um estado. E como todo estado interior, ele precisa ser cultivado.

Não existe fraternidade madura sem vigilância constante, sem cuidado com as palavras, sem humildade diante dos próprios limites, sem a consciência de que o vínculo humano pode ser tão delicado quanto o "orvalho" que repousa sobre o Monte Hermon. É significativo que o Salmo utilize o "orvalho" como metáfora: ele não cai com violência, não se anuncia, não altera a paisagem abruptamente. Ele sustenta a vida com suavidade. A verdadeira "união" também age assim: discretamente, sustentando o que não aparece.

Quando o Salmo 133 ressoa dentro do Templo, mesmo que não seja lido, ele cria uma moldura invisível na

qual os irmãos se reconhecem como participantes de uma obra comum. Não uma obra externa, mas uma obra interior. O rito não apenas conduz o maçom: ele o afina. Ele o coloca em uma frequência onde virtudes como paciência, escuta, cooperação e presença podem emergir com menos resistência.

E é precisamente essa frequência que Davi captou quando escreveu o Salmo. Ele não estava descrevendo um ideal utópico; estava descrevendo uma realidade possível - porém frágil - que só se sustenta quando há consciência do esforço necessário para mantê-la viva.

Assim, este texto inicial se volta ao coração do rito não para explicá-lo, mas para revelar que há um portal simbólico que antecede tudo. Antes de qualquer grau, antes de qualquer luz, antes de qualquer viagem, existe a necessidade de atravessar o estado interior que o Salmo 133 evoca. Ele é o limiar entre o homem que adentra o Templo e o homem que sai dele transformado, mesmo que de forma sutil.

A Maçonaria não adota o Salmo 133 como enfeite ou citação honrosa: ela o respira. E quando o maçom se permite entrar nessa respiração, o rito se torna não apenas um caminho de instrução, mas um caminho de "união" consigo, com o outro e com aquilo que transcende ambos.

Mas esse estado de consciência não se sustenta apenas no abstrato; ele é forjado em memória, gesto e ancestralidade. Antes de respirarmos o Salmo com a alma, precisamos honrá-lo em sua raiz concreta, compreendendo o que significavam o "óleo" e o "orvalho" para o homem que o escreveu e o que significam os gestos que o maçom reencena no Templo. É a partir dessa fundação histórica e mitológica que o símbolo se liberta para se tornar ferramenta psicológica.

Introdução

Vivemos em um mundo saturado de discursos sobre *"união"*, diálogo, tolerância e convivência. Ao mesmo tempo, é talvez o período histórico em que mais se percebe a fragilidade dos vínculos, a velocidade com que relações se rompem, a facilidade com que a palavra se torna arma e a subjetividade se torna território de defesa. A promessa de conexão nunca foi tão grande; a experiência de pertencimento nunca pareceu tão instável.

É nesse cenário que o Salmo 133 se revela não como poesia antiga, mas como diagnóstico e resposta. Ele descreve a *"união"* como algo *"bom e suave"*, mas não ingênuo. Seu simbolismo - o *"óleo" que desce, o "orvalho" que repousa* - sugere que a verdadeira *"união"* não nasce espontaneamente no coração humano. Ela precisa ser construída, e essa construção começa dentro de cada sujeito, na forma como ele organiza seu ego, seu afeto, sua presença e sua capacidade de reconhecer o outro sem perder a si mesmo.

A Maçonaria, há séculos, preserva esse saber. Antes de ser instituição, é uma pedagogia do encontro. Antes de ensinar símbolos, ensina posturas. Antes de falar

de Luz, prepara o terreno interior onde a Luz pode descer. E é por isso que o Salmo 133 ocupa um lugar tão discreto e, ao mesmo tempo, tão estruturante na vida maçônica: ele é o mapa invisível que orienta a fraternidade possível.

Este livro nasceu desse cruzamento:

- entre a psicologia e a espiritualidade iniciática,
- entre a experiência clínica e a vida no Templo,
- entre o humano que deseja "*união*" e o humano que teme ser visto,
- entre a tradição bíblica e a arquitetura ritual,
- entre a aspereza do ego e a suavidade do "*orvalho*".

O propósito não é explicar o Salmo, nem traduzir seus símbolos de forma dogmática. O propósito é habitar o que ele nos pede. Ler o Salmo como um espelho - e como um espelho iniciático. Entendê-lo não apenas como texto sagrado, mas como uma prática psíquica e fraterna, um caminho de maturidade emocional, ética e relacional.

Cada capítulo deste livro foi construído com esse espírito: revelar como a "*união*" - tão celebrada e tão difícil - depende de elementos internos que a psicologia conhece bem: o ego, a sombra, o medo do encontro, o narcisismo sutil, a dificuldade de ceder

lugar, o conflito que amadurece, a palavra que constrói, a liderança que não domina, mas sustenta.

O Salmo nos oferece a alegoria. O Rito nos oferece a geometria. A Psicologia nos oferece a chave. A Vida nos oferece o campo de prova.

É no cruzamento desses quatro eixos que esta jornada se organiza: começando no símbolo, passando pela psique e retornando ao mundo, onde a fraternidade se mostra - ou se desfaz - no gesto concreto.

Não escrevo este livro para idealizar a "*união*", mas para torná-la responsável. Não para enfeitar a fraternidade, mas para compreendê-la em sua realidade humana - seus medos, suas tensões, suas grandezas e pequenos milagres. A fraternidade não se sustenta apenas no Templo: é no cotidiano, nos atritos, no silêncio e nos limites que ela se prova.

O Salmo 133 é o portal. O ritual, o caminho. A psicologia, a estrutura. E o leitor, a terra onde tudo isso pode florescer.

Se estas páginas oferecerem, ainda que de modo sutil, um pouco de "*óleo*" para suavizar as asperezas da convivência, ou um pouco de "*orvalho*" para renovar a esperança no encontro humano, então terão cumprido sua função.

Que este livro seja, acima de tudo, um convite - para olhar para dentro com coragem, para olhar para o outro com ternura e para caminhar na direção de uma "união" que não é perfeita, mas possível. Sempre possível.

O autor



PAULO CESAR T. RIBEIRO

Psicoterapia e Aconselhamento Psicológico

Adolescentes, Adultos, Casais e Gestantes

Escritor e Palestrante

**Rua Vergueiro nº 3.153, Conjunto 12 - Vila Mariana, S.
Paulo, SP, CEP 04101-300**

Email: paulocesar@psicologopaulocesar.com.br

www.psicologopaulocesar.com.br

Fone/Whatsapp: 94111-3637

